

Aula 11 — Josias e os Últimos Reis: A Agonia de Judá

TEXTO ÁUREO · "Antes dele, não houve rei que lhe fosse semelhante, que se convertesse ao SENHOR de todo o seu coração, de toda a sua alma e com todas as suas forças, segundo toda a Lei de Moisés; e, depois dele, nunca se levantou outro igual." (2 Reis 23:25)

VERDADE PRÁTICA

A centralidade da Palavra de Deus é o único fundamento capaz de produzir arrependimento genuíno, proteger o nosso coração do pecado e nos guiar com segurança, mesmo quando os tempos ao nosso redor apontam para a ruína.

LEITURA BÍBLICA EM CLASSE · 2 Reis 22:8, 11; 2 Reis 25:1-2, 8-9 (Nova Almeida Atualizada) **2 Rs 22:8** Então o sumo sacerdote Hilquias disse ao escrivão Safã: — Achei o Livro da Lei na Casa do SENHOR. Hilquias entregou o livro a Safã, e este o leu. **11** Quando ouviu as palavras do Livro da Lei, o rei rasgou as suas roupas. **2 Rs 25:1** Aconteceu que, no nono ano do reinado de Zedequias, aos dez dias do décimo mês, Nabucodonosor, rei da Babilônia, veio contra Jerusalém, ele e todo o seu exército. Sitiaram a cidade e construíram rampas de ataque ao redor dela. **2** A cidade ficou sitiada até o décimo primeiro ano do reinado de Zedequias. **8** No sétimo dia do quinto mês, do décimo nono ano do reinado de Nabucodonosor, rei da Babilônia, Nebuzaradã, chefe da guarda e servidor do rei da Babilônia, veio a Jerusalém. **9** Ele queimou a Casa do SENHOR e o palácio real, bem como todas as casas de Jerusalém. Também entregou às chamas todas as construções importantes.

Introdução

A história do Reino de Judá caminha para o seu melancólico final, mas antes que as trevas do exílio cobrissem a nação, Deus permitiu que uma luz brilhante resplandecesse. Essa luz foi o reinado de Josias. Em meio a uma herança de idolatria e violência deixada por seu avô Manassés e por seu pai Amom, Josias decidiu buscar o Senhor de todo o coração. Ele promoveu um dos mais belos e

profundos avivamentos da Bíblia, alicerçado na descoberta e na leitura da Palavra de Deus.

Infelizmente, a reforma promovida por Josias alcançou as práticas públicas, mas, para a maioria do povo, não transformou intimamente os corações. Após a sua trágica morte, a nação despencou rapidamente rumo à destruição. Os últimos reis de Judá ignoraram a voz dos profetas, rasgaram as Escrituras e fizeram falsas alianças, culminando na perda de tudo: a cidade, o Templo e a liberdade. Esta lição nos convida a avaliar se a nossa fé está enraizada verdadeiramente nas Escrituras ou se é apenas uma religiosidade de aparência.

I. Josias e o Último Grande Avivamento

1. O rei que buscou a Deus na juventude e a purificação da terra. Josias tinha apenas oito anos quando foi coroado. A Bíblia relata em 2 Crônicas 34:3 que, no oitavo ano do seu reinado (sendo ele ainda adolescente, com dezesseis anos), "começou a buscar o Deus de Davi, seu pai". Quatro anos depois, aos vinte anos de idade, iniciou uma purificação implacável em Judá, quebrando as imagens de escultura e os altares idólatras. A vida deste rei é uma prova maravilhosa de que a juventude não é desculpa para a superficialidade. É possível ser jovem e ter um compromisso sério e inegociável com o Senhor.

2. O achado do Livro da Lei e a resposta de quebrantamento. O ponto alto do reinado de Josias ocorreu durante a reforma do Templo. O sumo sacerdote Hilquias encontrou o Livro da Lei (provavelmente o rolo de Deuteronômio) perdido em meio aos escombros. Quando o texto foi lido diante de Josias, a reação do rei foi imediata: ele "rasgou as suas roupas" (2 Rs 22:11), uma atitude de profundo desespero e arrependimento. A verdadeira Palavra de Deus age como um espelho; ela não nos elogia, mas expõe os nossos pecados e nos leva à contrição. Sem a Palavra, o crente perde o senso de santidade e a sensibilidade ao pecado.

3. A renovação da aliança e a morte trágica em Megido. Comovido, Josias reuniu todo o povo, do menor ao maior, e leu as palavras do livro. O rei fez uma aliança de seguir ao Senhor "de todo o coração e de toda a alma" (2 Rs 23:3). Ele purificou até mesmo Betel, no antigo Reino do Norte. Contudo, anos depois, Josias tomou uma decisão militar equivocada ao tentar impedir a passagem de Faraó Neco por Megido e foi morto em batalha. A sua morte gerou luto em toda a nação. A partida prematura de um servo fiel nos lembra de que os melhores cristãos estão

sujeitos às tragédias deste mundo, mas o legado de devoção que deixam nunca se apaga.

II. O Início do Fim

1. Jeoacaz: O breve reinado e o exílio no Egito. Com a morte de Josias, a soberania de Judá praticamente acabou. O povo ungiu seu filho, Jeoacaz. Ele reinou por meros três meses. O faraó do Egito não aceitou essa sucessão, o depôs, impôs uma pesada multa sobre a nação e levou Jeoacaz como prisioneiro para o Egito, onde ele morreu (2 Rs 23:34). A rapidez com que o país perdeu a sua liberdade revela que, quando a nação (ou a vida de uma pessoa) se afasta da proteção divina, as suas defesas caem imediatamente.

2. Jeoaquim: A vassalagem, o desprezo pela Palavra (queimando o rolo de Jeremias) e a rebelião contra a Babilônia. O faraó instalou no trono outro filho de Josias, Eliaquim, mudando seu nome para Jeoaquim. Ele foi um rei submisso aos poderes estrangeiros (primeiro ao Egito, depois à Babilônia), mas extremamente arrogante contra Deus. No livro de Jeremias (capítulo 36), vemos o contraste chocante entre ele e seu pai: enquanto Josias rasgou as próprias roupas ao ouvir a Palavra, Jeoaquim usou um canivete para rasgar o rolo das profecias de Jeremias e jogou os pedaços no fogo. Desprezar a Bíblia e ignorar as advertências de Deus é a atitude mais tola que um ser humano pode ter.

3. Joaquim: O rápido reinado e o exílio babilônico. Jeoaquim morreu em meio a uma rebelião contra Nabucodonosor. Seu filho, Joaquim (ou Jeconias), assumiu e reinou apenas três meses. O exército babilônico cercou Jerusalém, e o rei se rendeu. Nabucodonosor levou Joaquim para a Babilônia, junto com os tesouros do Templo e os melhores artesãos, guerreiros e líderes da nação — entre eles, provavelmente, o jovem Ezequiel. Este foi o primeiro grande exílio (597 a.C.). O juízo de Deus, anunciado décadas antes, estava se cumprindo passo a passo.

III. Zedequias e a Queda de Jerusalém

1. Zedequias, o rei fantoche imposto por Nabucodonosor. Para manter o controle de Judá, o rei babilônico colocou no trono o tio de Joaquim, mudando o seu nome para Zedequias. Ele foi o último rei de Judá e provou ser um homem fraco, sem fibra moral, que tentava agradar a Deus, mas tinha muito medo da opinião e da pressão dos príncipes que o cercavam. Um discípulo de Cristo não

pode viver em cima do muro; o temor dos homens nos paralisa e nos faz agir contra a vontade declarada do Senhor.

2. A falsa esperança e a rebelião final contra o conselho de Jeremias. Durante o seu reinado, Zedequias ouvia falsos profetas que prometiam paz e o rápido retorno dos exilados, quebrando o jugo da Babilônia. O profeta Jeremias, a mando de Deus, dizia o oposto: a disciplina deveria ser aceita, eles deveriam se submeter a Nabucodonosor e viver. Preferindo a mentira agradável à verdade dolorosa, Zedequias se rebelou. O povo de Deus muitas vezes tropeça quando busca mensagens que apenas confortem o seu ego, rejeitando as pregações que exigem arrependimento e cruz.

3. A invasão (586 a.C.), a destruição do Templo e o início do Exílio. A rebelião provocou a fúria final da Babilônia. O exército cercou Jerusalém por um ano e meio. A fome na cidade foi devastadora. Quando os muros foram rompidos, Zedequias tentou fugir, mas foi capturado. Seus filhos foram mortos diante dele, e, em seguida, seus olhos foram vazados. Para completar a tragédia, em 586 a.C., o chefe da guarda "queimou a Casa do SENHOR e o palácio real" (2 Rs 25:9) e destruíram os muros da cidade. O símbolo máximo da presença de Deus havia virado cinzas, selando o exílio da nação.

Conclusão

A agonia de Judá é um dos capítulos mais tristes das Escrituras. Josias nos provou que um encontro genuíno com a Palavra pode adiar o juízo e transformar uma geração. No entanto, os seus sucessores nos ensinam que a graça e a misericórdia de Deus, quando abusadas e tratadas com desprezo, dão lugar ao cálice amargo da disciplina. A destruição do Templo e a deportação para a Babilônia ressoam até hoje como um lembrete para todos os crentes: Deus é santo. Ele não negocia os seus princípios e exige de Seus filhos uma aliança sincera, pautada exclusivamente em Sua Palavra e em Sua vontade.